



## As passagens de Leopoldo Waizbort

Ludmylla Mendes Lima<sup>1</sup>

*As próprias coisas devem  
ser levadas a falar*

*Erich Auerbach*

A menção imediata do título do novo livro de Leopoldo Waizbort, *A passagem do três ao um*, é ao ensaio “Duas vezes ‘A passagem do dois ao três’”, de Antonio Candido. Este último é uma montagem feita por Vinícius Dantas em *Textos de Intervenção*<sup>2</sup>, a partir da comparação de dois ensaios de Antonio Candido, ambos tendo como origem o famoso e fundamental “De cortiço a cortiço”, publicado muito mais tarde.

Dantas montou em paralelo dois textos que expõem as divergências de Candido com o estruturalismo; são eles “A passagem do dois ao três” e a palestra intitulada “Literatura – Sociologia”, os quais são arrematados com trechos da análise contida no ensaio “De cortiço a cortiço”. Em “A passagem do dois ao três”, Antonio Candido critica o binarismo estruturalista em prol de um terceiro eixo possibilitado pela síntese dialética.

Leopoldo Waizbort, por sua vez, imagina e põe em prática, em seu livro, uma crítica que prescinde da síntese unificadora. Nela, tese e antítese permanecem em suspensão sem que suas arestas sejam aparadas, contribuindo com o que de cada uma se pode tirar de valor.

O título da obra em questão traz em si outras possibilidades de sentido. Uma delas é aquela para a qual aponta seu subtítulo: *crítica literária, sociologia, filologia*, em que o autor propõe que as três matérias sejam pensadas como algo único, em defesa de uma leitura mais profícua do texto literário.

Além desta, uma outra possível “passagem” está relacionada à leitura de Machado de Assis feita por três críticos brasileiros destacados no livro: Raymundo Faoro, Roberto Schwarz e Antonio Candido. Os três críticos buscaram compreender o realismo de Machado de Assis e indagaram a seu modo “como a literatura de Machado expõe a realidade, se e como a ‘retrata’, ‘espelha’, ‘ilumina’, ‘apresenta’; qual a relação que se estabelece entre realidade e obra literária” (WAIZBORT, 2007, p. 13).

Como se pode notar, pela própria abrangência do título, trata-se de uma obra rica em reflexões de um pesquisador de muito fôlego. A relação entre a obra literária e a realidade do mundo é o desafio crítico de todos os autores estudados e, naturalmente, o de Leopoldo Waizbort. Um conceito mais amplo de realismo é o que anima toda a discussão e argumentação do autor, que busca apoio maior em Erich Auerbach, cuja presença é mapeada nos diferentes críticos. Waizbort se propõe a descobrir esta presença, mesmo que ela se dê de modo sutil, em cada um dos críticos estudados no livro, além de observar como estas idéias se transformam, são modificadas e frutificam no contexto brasileiro, sobretudo no trabalho de Antonio Candido. Diz o autor:

(...) Auerbach [em *Mimesis*<sup>3</sup>] tece uma complexa e matizada concepção de “realismo”; na verdade, indica uma pluralidade de “realismos”, cada qual com sua peculiaridade específica. Interessa-me menos esmiuçar esse verdadeiro problema do que indicar um registro analítico, no qual pretendo adentrar. Pois se

as investigações de Auerbach mapeiam uma ampla gama de feições do “realismo”, de modo a dissolver uma definição monolítica em uma série de configurações e modalidades próprias a períodos e obras literárias específicas, abre-se então a possibilidade de se pensar outras configurações “realistas” particulares na perspectiva geral que o livro arma (WAIZBORT, 2007, p. 12).

De fato, o tema recorrente que forma o arcabouço do livro é a questão do realismo, que é discutido nos escritos de todos os autores trabalhados: Antonio Candido, Georg Lukács, Erich Auerbach, Raymundo Faoro e Roberto Schwarz.

*A passagem do três ao um* é dividido em três partes. Na primeira delas, o autor confronta duas importantes obras da fortuna crítica sobre Machado de Assis: *A pirâmide e o trapézio* (1974), de Raymundo Faoro, e *Ao vencedor as batatas* (1977), de Roberto Schwarz. O objetivo desta parte é, através da pesquisa da relação que se estabelece entre realidade e obra literária na obra de Machado por estes dois críticos, fazer a armação do problema dos diversos realismos para desembocar com força e de forma ampla no segundo capítulo, que trata a fundo da obra de Antonio Candido.

A partir das leituras de Faoro e Schwarz e do que foi problematizado na primeira parte, Leopoldo Waizbort debruça-se então sobre a obra crítica de Antonio Candido, cobrindo quase que completamente a trajetória deste autor e ocupando-se com afinco da compreensão dos seus conceitos. Waizbort refere-se, mais ou menos detidamente, dependendo do caso, a toda a obra de Antonio Candido, desde a sua tese de livre-docência - *Introdução ao método crítico de Sílvio Romero*, apresentada em 1945 - passando pela crítica de jornal até seus mais recentes estudos. Detendo-se, principalmente, na análise da concepção de Candido ao escrever sua fundamental *Formação da literatura brasileira*, publicada em 1959.

Um dos primeiros temas observados por Waizbort na trajetória de Candido é a elaboração da chamada “crítica integrativa” entre a sociologia e a estética, quando o crítico estava em busca de um método

que fosse, ao mesmo tempo, histórico e estético. O autor arrola momentos em que estava em jogo a delimitação da profissão de crítico literário frente à sociologia na carreira de Candido, e em que as discussões sobre as relações entre literatura e sociedade se davam entre este e Roger Bastide, Sérgio Buarque de Holanda, entre outros. Tal discussão se estendia à dimensão institucional, relacionada à postura de professor universitário e à criação do “Curso de Teoria Geral da Literatura”, cuja cadeira foi posteriormente denominada pelo próprio Candido como “Teoria Literária e Literatura Comparada”.

O senso das mediações como um apurado conceito capaz de explicar a delicada relação do que é externo e do que é interno ao texto literário no trabalho de Candido é algo bastante ressaltado por Leopoldo. A identificação da redução estrutural que ocorre na obra literária, a percepção deste pequeno, porém complexo mundo da obra, separadamente do mundo real, é colocada como essencial ao crítico, essencial também para se compreender a impossibilidade de existência de um único realismo. Afinal, se a obra de arte literária não ‘espelha’ o mundo real, e sim constrói, através da amplidão de possibilidades que a linguagem oferece e, fundamentalmente, através de sua coerência interna, o seu próprio mundo, é impossível haver um único realismo.

A concepção de história literária em Antonio Candido também é bastante enfatizada por Waizbort, porque daí surge um forte vínculo com o ponto de vista de Erich Auerbach, o qual norteia a obra *Mimesis*: a idéia de uma totalidade que não é completude. Além disso, está presente no procedimento comparatista de Candido uma dialética de aproximação e afastamento, similitude e peculiaridade, semelhante àquela encontrada em *Mimesis*, conforme Leopoldo Waizbort.

Um ponto alto de *A passagem do três ao um* é a tentativa de perceber que caminhos originais são percorridos por Candido, tanto em relação à crítica de Lukács, quanto à de Auerbach, em busca do que propõe. Conforme Waizbort:

Se este estudo procura indicar como o trabalho de Antonio Candido faz-se em uma interlocução constante com Auerbach, não mediante a citação e a referência explícita, mas sim na formulação mesma de um problema para a teoria e história literárias, uma outra questão é ver como Antonio Candido resolve – a seu modo – o problema que Erich Auerbach também tenta resolver: o caráter social e histórico da obra literária (WAIZBORT, 2007, p. 233).

Já na terceira parte do livro, intitulada “Extraprograma: filologia e sociologia”, Waizbort focaliza especialmente a crítica de Erich Auerbach, tentando perceber como a filologia praticada por este autor oferece caminhos de desenvolvimento para os principais desafios críticos do século XX.

O livro de Leopoldo Waizbort contribui muito para a compreensão dos autores tratados, especialmente de Antonio Candido. Trata-se de obra de fôlego, cujo autor, ágil e preciso, não economiza em notas explicativas, o que a torna ainda mais densa, já que ele não se intimida pelos conceitos pesados com que cada um dos críticos trabalha, seja Erich Auerbach, Antonio Candido, Georg Lukács ou Roberto Schwarz.

Apesar de importante para a familiarização dos conceitos, a relação estabelecida entre os críticos pelo autor ainda é um grande desafio, merecedor de muita pesquisa, podendo frutificar muito no Brasil, já que somente agora importantes títulos<sup>4</sup> de autores como Auerbach vem sendo traduzidos por aqui.

Um outro ponto forte do livro de Waizbort é o tratamento por ele dado ao ensaio, o qual é lido como deve ser: no mesmo nível da grande literatura.

**WAIZBORT, Leopoldo. *A passagem do três ao um: crítica literária, sociologia, filologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.**

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. FFLCH-USP. Pesquisa: Realismo em discussão: Machado de Assis, Eça de Queirós e Denis Diderot. E-mail: [myllamendes@hotmail.com](mailto:myllamendes@hotmail.com)

<sup>2</sup> Cf. CANDIDO, Antonio. *Textos de Intervenção*. Seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2002.

<sup>3</sup> Cf. AUERBACH, Eric. *Mimesis*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

<sup>4</sup> Cf. AUERBACH, Eric. *Ensaio de literatura ocidental: filologia e crítica*. Org. de Davi Arrigucci Jr. e Samuel Titan Jr. Trad. de Samuel Titan Jr. e José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2007.